



UNIÃO
ORGÃO
do
CENTRO DEMOCRÁTICO
D. AFFONSO COSTA



Sob a direcção das comissões políticas do
Partido Republicano Português
O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO
NO NORTE DO DISTRITO DE LEIRIA

Biblioteca Gratuita
Leiria

EDITOR—Mancel Henriques

ASSINATURAS

Portugal e colónias, ano 1\$20; Estrangeiro 2\$00
Número avulso, \$03. Anúncios, preço convencional
Tiragem 1:000 exemplares

Comp. e imp. nas oficinas da «União Figueirense»

Redactor—José Miguel F. David

Propriedade da empresa União Figueirense

O governo e os monarquicos...

Os acontecimentos que ha dois mezes se vêm succedendo criaram um tal estado de apreensão, que, por mais que se queira, já não é possível dissimular o receio sobre o que amanhã possa succeder.

Por muito atentamente que se pense na situação, ela apresenta-se nos tão tenebrosa, que não conseguimos descortinar quaes sejam os intuitos do governo, dada a hipótese—mais do que certa—de falharem as suas tentativas de crear forças que lhe dêem vida, á custa do descrédito dos homens publicos que pretende aniquillar.

Para se tirar o prestigio, a autoridade moral, a um estadista, impossibilitando-o de merecer o conceito publico e de se pôr em contacto com a opinião do paiz, que, acima de tudo, exige moralidade na administração do Estado, é preciso accusalo com factos concretos, claros e iniludíveis, n'uma palavra, com a verdade na mão.

Em vez de enveredar por esse caminho, em que o seguiram todos os republicanos honestos, o governo creou uma irritante atmosfera de suspeições, que tornou possível a desenfiada campanha de calunia, que os monarquicos, como inimigos constantes e permanentes do regimen, estão explorando contra aqueles que até hoje têm constituído um obstaculo insuperavel á realisação dos seus designios, que são, em ultima analyse, a restauração monarchica.

Arvorados em orientadores e protectores do governo, que os presenteou com esta situação, excruciantemente na sua imprensa afirmando que não abdicam das suas idéas nem querem confusões com as turbas republicanas!...

Com uma insolencia inaudita, de que ha dois mezes não seriam capazes, não se cansam de gritar que a Republica como regimen de ordem e de moralidade, caiu em completa falencia!...

Para restaurarem a monarchia aguardam somente que se liquidem as responsabilidades resultantes da guerra, com as quaes nada querem—dizem eles.

E' um compasso de espera, que concedem ao governo...

Isto é o que se lê todos os dias na sua imprensa, á mistura com os insultos mais soezes e arevidos aos republicanos mais

eminentes! O alvo é principalmente o chefe do partido democratico.

Contra ele, a quem o governo conserva preso e incommunicavel, que está, por esse facto, impossibilitado de falar para o publico e de articular uma palavra em sua defesa, fazem a mais covarde e vil campanha de descrédito que jamais se tem feito neste paiz.

Não ha suspeita, por mais torpe e canalha, que não lhe levantem, não ha calunia que não lhe assaquem.

Afonso Costa é um homem de rija tempera, d'antes quebrar do que torcer, tem pulso firme e agrupa em volta de si o maior partido da Republica.

Por isso mesmo—e só por isso—é preciso inutilisalo, ainda que seja á custa das maiores torpezas.

Os inimigos do regimen vêm muito bem que, sem a sua completa liquidação, não é possível abrirem brecha para o triumpho monarchico, e, por isso, o atacam com extrema violencia.

Se o odio que lhe votam os deixasse ver claro no espinhoso caminho em que se meteram, se o rancor que os domina não os tivesse desviado, ha muito que deviam estar convencidos de que não é possível aniquillar-se um homem da sua envergadura moral.

Não caluniem—provem, se são capazes, que ele não é um estadista honesto, que as suas mãos não estão limpas de negociatas escandalosas, como tantas que se fizeram no tempo da monarchia.

Ao accusador incumbe a obrigação de provar, sob pena de ser tido e havido como autor da mais infame calunia, e ao accusado assiste incontestavelmente o direito de se defender.

Mas—singular situação esta!—nem se deduz a mais insignificante prova das arguições que têm sido levantadas, nem se deixa que o accusado levante a sua voz para contestar essas arguições!

Se o sr. dr. Afonso Costa é, de facto autor das irregularidades e dos crimes de que o governo e os monarquicos o accusam, porque é que ainda a estas horas não está instaurado contra ele o competente processo?

Porque é que, em vez duma accusação clara e formal, o governo se limita nas suas notas officiosas a levantar suspeitas vagas, indefinidas, sem a menor base

que as fundamente?

Esta tatica é por demais grosseira para que não seja compreendida sem qualquer esforço de raciocinio. E' esse o caminho adotado por aqueles que, não encontrando no adversario pontos vulneraveis, não desistem, todavia, de lhe crearem uma atmosfera que os possa ferir no seu caracter e até na propria honra.

N'esta altura a instauração de um processo contra o sr. dr. Afonso Costa seria a liquidação formal do governo e a perda irremediavel dos monarchicos, seus amigos e aliados.

Ninguém tem a illusões a esse respeito.

Instaurado o processo, a defesa, havia de ser tão formidavel, tão completa, tão decisiva e fulminante, que a calunia seria absolutamente esmagada, e d'ele sairiam a escorrer sangue aqueles que têm promovido e alimentado esta vil campanha de difamação.

«As setas transformar-se-hiam em grelhas», os accusadores seriam corridos como reus do maior crime politico oraticado dentro da Republica.

Como, porem, vivemos n'um paiz, onde a grande maioria forma opinião mais pelo que ouve dizer do que pelo exame refletido dos factos, a tatica seguida é a unica que pode sortir alguns efeitos.

O que se pretende é abalar o prestigio politico e moral do chefe do partido democratico, e para isso se creou e alimenta esta atmosfera de suspeição, que facilmente pode dominar os espiritos menos refletidos, mas que as consciencias bem formadas repelem com indignação.

N'esta guerra de exterminio contra o democratismo ha essencialmente dois fins.

Da parte do governo, arranjar clientela que lhe possa assegurar a ambição de mandar; do lado monarchico, a ancia de abater a maior jorça em que se firma a Republica, que atravessa, n'este momento, o periodo mais angustioso da sua existencia.

A batalha é de vida ou de morte para o regimen.

Hoje, mais do que nunca, é indispensavel a uniao de todos os republicanos, sem distincão de cores partidarias, para acudir a este formidavel incendio, que ameaça reduzir tudo a cinzas.

A'manhã... pode ser tarde.

Miguel Alexandre Alves Correia

Ecos & Noticias

No regresso

O sr. dr. Brito Camacho que foi a Braga em propaganda politica recebeu ali taes manifestações de simpatia que ao regressar á capital, dirigiu áquella cidade o seu profundo reconhecimento concebido nos seguintes termos:

«Sucedeu, porem, que em Braga se organizou um bando de apaches, um «soviet» de mariolas para quem nada havia de respeitavel, um cenaculo de bandidos que iam do enxovalho ao espancamento com a mesma facilidade com que iam do vinho á aguardente, Braga vivia sob o terror desses energumenos; quem escapava á sova, não escapava ao insulto, e com frequencia a pistola entrava no jogo, ferindo ao acaso e matando sem razão.»

E' o fruto dos seus, atos! sr. Camacho!

O milho

Somos informado de que o sr. Manoel Lopes Boavida, novo administrador do concelho, desejando transportar para a Administração, o milho já arrolado a fim de ali o exportar á venda, se dirigiu ao sr. dr. Manoel de Vasconcelos, presidente da Comissão Municipal Administrativa, solicitando-lhe o dinheiro preciso para tal fim.

O sr. dr. Vasconcelos, não atendeu o justo pedido, alegando não ter dinheiro.

São assim estes amigos do povo.

Continua o abuso

Ainda não foram retirados dos recintos da escola central desta villa, destinados simplesmente para recreio dos respectivos alunos, os curraes de porcos e cabras, capoeiras e montes de estrume que, com grave prejuizo para a saúde dos alunos ali se encontram.

As retretes para uso das creanças foram transformadas em camas para porcos e em capoeiras.

Ao ex.º inspector da circunscrição recomendamos o assunto, que é grave.

Escolhendo o sitio

Centenas de pessoas assistiram ontem no tribunal a um novo espectáculo de que foi autor—quem havia de ser? o preto Amaral.

O homensinho em vez de se ocupar da defesa do seu constituinte, levou uma boa hora a dirigir graves insultos á Republica, ao Partido Republicano e a diversas pessoas que lhe estão muito superiores.

Não enguliu taes insultos e injurias, porque nós brancos, sabemos o respeito que se deve áquella logar. Adeante desenvolvemos o caso e para ele chamamos a atenção dos nossos leitores.

Re-incendo?

Informa o «Figueirense», que devido ás acertadas providencias do sr. Serra, que ha dias era administrador do concelho e presidente da camara, sendo hoje simplesmente vogal da mesma tem havido alguma de milho no nosso mercado semanal. Só a d'umca se pode fazer tal animação pois aquelle cereal tem ali escasseado como nunca. O sr. Serra nunca fez nada de aproveitavel quer na camara quer na administração e por isso estranhámos os elogios que só em occasião de carnavales se podiam trazer a publico.

O povo que o diga!

A attitude do sr. Lloyd George

Na Conferencia Inter-aliados, recentemente realisada em Versailles entre os chefes dos governos francez, inglez e italiano, avreiciando-se detidamente a situação economica e militar dos paizes da Entente, sir David Lloyd George afirma que a guerra está custando á Inglaterra, 100 bilhões de libras por ano, estando a verba da receita total do Estado orçada em quatro e meio bilhões de libras ou, arredondando com os suprimentos do Tesouro, em cinco bilhões de libras.

O deficit de 95 bilhões de libras é coberto desta forma: 10 bilhões de libras de Income-tax, que recebe sobre os bens imobiliares; 5 bilhões de libras, rendimento do imposto sobre mobiliarios; um bilhão de libras da taxa de guerra, imposto sobre objectos de luxo e 4 bilhões de libras da conversão das dividas, flutuante e interna, estando d'est'arte cobertos apenas 20 bilhões de libras.

Ora os restantes 75 bilhões de libras vão ser cobertos por um emprestimo nacional de 30 bilhões de libras, emitido no London Brazilian Bank; no England and Scotland Bank; no British Great-Bank e no Raiwail Indian and American Bank e por um emprestimo de 45 bilhões de libras negociado nas praças de New-York, S. Francisco, Baltimor e Boston.

Alem disto tudo, que de si é já fabuloso, a Inglaterra ainda dispõe duma reserva fiduciaria de 40 milhões de libras, sendo 22 milhões em papel moeda convertivel.

Assim a Inglaterra pode fazer face aos encargos da guerra até 1928, mas como a guerra terminará talvez uns seis anos antes, tem recursos de sobra para cobrir todos os encargos, ficando ainda com um saldo positivo de 12 a 15 milhões de libras até ao fim do ano de 1923.

Eis as impressões optimistas de sir David Lloyd George no occante á gravissima questão economica e financeira.

Quanto a questão militar a Inglaterra dispõe de massas consideraveis de homens que hoje já lutam com os alemães na propor-

ção de 4 para 1 e dentro de 4 a 5 mezes esta proporção aumentará na razão de 8 para 1, pois a Alemanha tem as reservas esgotadas.

E' com a preparação militar do elemento civil, pelo sistema de conscrição, que a Alemanha conta para resistir á coligação—que contra ella se formou—até ao ano de 1922, se a conflagração mundial lá chegar.

Para o conseguir, a Alemanha vai mobilisar e preparar todos os anos—a partir de Agosto de 1913—9.675:000 homens, não contando com o concurso dos seus aliados:—Austria, Turquia e Bulgária, cujos governos não dispõem de recursos em homens e dinheiro para resistirem até ao proprio outono, e a dar-se tal hipotese terá o governo de Berlim d'elevantar o seu effectivo annual a 10:185:000 homens, esgotando d'estarte as suas reservas tiradas do elemento civil.

A guerra não poderá prolongar-se por muito tempo a não ser que a conscrição se estenda a Austria, que pode apresentar um effectivo de cerca de 2.000:000 de homens; a Turquia, que poderá dispor de 800:000 e a Bulgária de 200:000 homens, que—adicionadas aos 10.185:000 alemães, produzira o derradeiro effectivo de 13:185:000 soldados, que servirão para prolongar a resistencia até ao estio de 1922.

A victoria completa caberá aos aliados no conceituoso modo de pensar do grande estadista sir Lloyd George.

9—Fevereiro.

Fazenda Junior

PELA IMPRENSA

Ao nosso illustre colega, o "Defensor" das Caldas da Rainha, agradecemos a transcrição de parte do brilhante artigo do nosso estimado colaborador, sr. dr. Miguel Alexandre Alves Correia, publicado no nosso penultimo numero, intitulado "Pela Republica".

JO CARNAVAL

Como era de prever, o carnaval nesta vila, esteve bastante desanimado.

Nas ruas nada se passou digno de menção, notando-se porem grande animação em algumas casas particulares, onde alegremente se dançou e brincou até de madrugada.

À Associação Commercial e industrial, por as suas salas á disposição dos associados e suas familias, tendo-se ali organizado dois magnificos bailes que decorreram animadissimos e que se prolongaram até de manhã, tendo comparecido quasi todos senão todos os associados e respectivas familias.

Foi sem duvida, o melhor divertimento que houve na terra, para o que muito concorreu a direcção d'aquella agremiação, que não se poupou a esforços para que tudo corresse á medida dos seus desejos, vendo finalmente coroados do melhor exito os seus esforços.

Um ataque á Republica

No tribunal da comarca assistiu-se ontem a um novo espectáculo que deixou desagradavelmente impressionadas as pessoas que o presenciaram.

O preto Adalberto Soares do Amaral Pereira, conservador do registo predial desta comarca, onde foi colocado pelo Partido Democratico, e que ha tempo em pleno tribunal, espancou brutalmente um escrivão de direito que então estava no exercicio das suas funções, voltou ontem a dar ali um novo e triste espectáculo que foi asperamente criticado pela numerosa assistência.

Sendo-lhe dada a palavra para alegar em defesa do reu que defendia o que achasse conveniente, nada disse que pudesse aproveitar ao seu constituinte e começou a dirigir os mais graves insultos á Republica e especialmente ao Partido Republicano tornando-o responsavel pelos diversos crimes occorridos em todo o paiz e consequentemente do que ali se estava discutindo!

O nosso paiz, que felizmente não é a patria dele, tambem não escapou ds suas censuras.

Continuando a atacar com frases verdadeiramente injuriosas, o Partido Republicano, defendeu com calor a monarchia declarando que os seus homens foram esbulhados dos seus logares que exerciciam com saber e competencia para serem occupados por oarios analfabetos, supateiros, alfaiates, etc., etc. Falando de Lisboa, disse que era a cidade do terror, da bomba e da desordem e comparou aquela cidade com esta terra, onde—ele diz—não ha respeito pelo proximo, de que tambem era culpado o Partido Republicano. Passou depois a dizer que tem dignidade que muito presa e a defender-se dum processo que contra elle corre em juizo, confessando então que efectivamente castigou no tribunal, com murros, um individuo que na imprensa o ofendeu.

D'esse processo—diz o homem—tambem foi culpado o Partido Republicano. Insultou em seguida testemunhas que depuzeram nesse processo, pondo em duvida a sua honestidade e honradez. Essas pessoas, pela sua educação e porte estão muito superiores a qualquer preto. Em atacar o Partido Republicano e diversas pessoas que não ligam importancia a pretos, levou o dr. Amaral perto duma hora, gastando apenas 4 ou 5 minutos em defender o reu que o escolheu para o defender. Os insultos dirigidos ao Partido Republicano e ás pessoas ali injuriadas, teriam o devido castigo se esses insultos fossem pronunciados noutro logar, mas nós que não somos pretos, sabemos o respeito que se deve ao tribunal.

O sr. dr. Amaral sabe bem onde diz e faz as coisas.

Lamentamos simplesmente que as suas palavras não fossem ouvidas pelas pessoas que para cá o mandaram...

ANIVERSARIOS

No preterito dia 12 possuiu o aniversario natalicio do nosso amigo, sr. Demetrio José Alfacedo da acreditada firma commercial desta vila Ferreira & Companhia, a quem por tal motivo felicitamos.

Dr. Antonio J. d'Almeida

Este grande estadista e illustre chefe do partido evolucionista, comemorando o «31 de Janeiro», pronunciou, no Centro de que é patrono, um notavel e apreciadissimo discurso, que a numerosa assistência aplaudiu entusiasticamente.

D'esse brilhante discurso, transcrevemos as seguintes passagens:

Acho indispensavel que se saneie a administração publica, se apontem os erros e crimes que tem sido praticados e se aplique aos seus autores o castigo adequado e que nada perderá por ser severo. O regimen terá a lucrar muito com isso, porque dará mostras de que quer moralidade e que põe acima de tudo uma honesta pratica de processos. Mas desacreditar atabalhoadamente os homens que servem o regimen, não apresentando provas de atos que justifiquem esse descredito e o consequente castigo, é um erro palmar e uma detestavel acção.

Vejo com pasmo que se estão lançando na imprensa acusações de uma gravidade excessional contra alguns homens publicos, que presos e incommunicaveis, não podem articular uma palavra de defesa.

Ora a defesa nunca se negou a ninguém, e muito menos se deve negar a homens publicos.

Faça-se justiça inflexivel e severa, mas justiça limpa e sem reflexos, de maneira tal que a Nação fique sem duvidas em face da sentença que condene ou que absolva. Assim está bem e o governo, fazendo-o, prestará um verdadeiro serviço á causa da moral publica e ao prestigio da Republica. Fora disso só dará pasto á maledicencia e elementos de gaudio aos adversarios do regimen, os quaes, tendo sido incapazes de derrubar a Republica por um ataque franco e directo, querem ver se a fazem aluir pelo descredito e pela deshonra.

As ultimas palavras do orador são uma manifestação de fé no futuro da nacionalidade e no triunfo da Republica, em que elle invocou as tradições para aconselhar a união de todos os republicanos dignos desse nome, para o fim sagrado de bem servir a Republica.

Foi isto realmente o que se fez em todos os tempos e em todas as nações civilizadas.

Porem, o governo, ás considerações justissimas do dr. Antonio José d'Almeida, que foram ouvidas e aplaudidas por milhares de pessoas, faz ouvidos moucos e continua a atirar para a prisão, centenas de pessoas sem culpa formada e conservando-as ali indefinidamente sem as mandar interrogar, dizendo-lhes se quer o motivo das suas prisões.

E' lamentavel que o nosso paiz seja o unico da Europa que dê tão triste exemplo é que o estrangeiro aprecia tão desfavoravelmente e com desprestigio para nós. Não nos surpreenderá pois que o dr. Antonio José d'Almeida, que tão denodadamente defende o regimen que ajudou a implantar e para o que foi um factor importantissimo, amanhã seja tambem atirado pa-

ra uma prisão e ali conservado incommunicavel até que os raios duma nova aurora, que certamente não virá longe, entrem na prisão abrindo-lhe as portas bem como a todos os prisionellos.

Pelo tribunal

Terminou ontem o julgamento dos reus Higinio dos Santos, Pedro d'Oliveira, Manoel Teixeira e José Augusto, acusados de terem espancado uns individuos da Bairrada, proximo do Senhor Jesus, caso que então aqui relata mos minuciosamente. Na audiencia de julgamento provou-se o crime pelo que o meretissimo juiz lavrou a sua sentença, condenando os reus pela seguinte forma:

O reu Higinio em 10 mezes de prisão e multa.

O reu Pedro em 7 mezes e multa.

O reu Manoel Teixeira em 8 mezes e multa.

O reu José Augusto em 12 mezes e multa.

O meretissimo juiz arbitrou a iddemisação de 75\$000 ao queixoso que tem de ser paga por todos os reus com excepção do reu Pedro que provou a sua pobreza.

Noticias pessoais

Dr. Diniz de Carvalho
Acompanhado de seus cunhados, srs. Francisco Rodrigues Ferreira e José Silveira Herdade, regressou de Vila Viçosa o nosso preso-lo amigo, sr. dr. João Diniz de Carvalho, habil advogado desta comarca.

João dos S. Abreu
Afim de passar o Carnaval com sua familia, encontra-se nesta vila; o nosso amigo, sr. João dos Santos Abreu, que ho tempo se acha em Coimbra, em tratamento. O nosso amigo volta em breve para aquella cidade para completar o tratamento que está a findar.

ESTUDANTES

Com suas familias vieram passar o carnaval a esta vila os seguintes estudantes:

Domingos Ferreira de Carvalho, do Colegio de S. Pedro, de Coimbra; Joaquim José de Sousa, do Liceu Colonial, de Sernache do Bom Jardim; Jaime Tomaz Agria, perfeto do Colegio de S. Pedro e Antonio Paiva Dias, do liceu de Leiria, para onde retiraram ontem.

Tambem aqui vieram passar o carnaval os srs. Alfredo José de Sousa, de Sernache, Antonio Martins Nunes, de Coimbra e Adolfo Sequeira, e esposa, de Pedrogam Grande.

Estiveram nesta vila os nossos assinantes, srs. Carlos da Silva Martins, de Pedrogam Grande; Antonio Manso, de Arega; Vicente Henriques Fernandes, do Carregal; José João Grça, de Atalaia; Manoel da Silva, Teodosio Joaquim dos Reis e Antonio da Silva, do Fontão Fundeiro; Cesar Francisco Manoel da Silva, do Castelo e Joaquim Simões Ladeira, de Vilas de Pedro.

De passagem para Lisboa, esteve ontem nesta vila o nosso novo assinante, sr. Fernandes Antunes, da Gestosa.

De visita a sua familia, encontra-se ha dias em Campelo, o nosso amigo e correligionario, sr. Manoel Francisco dos Santos, de Setubal.

Tambem se encontra na Graça, onde veio passar o carnaval com sua familia o nosso amigo, sr. Adelino José Leitão, residente em Lisboa.

Igualmente se encontra em Aldeia de Ana d'Aviz, de visita a sua familia o nosso amigo, sr. Manoel Paquete Godinho, commerciante em Evora.

Acompanhado do seu socio sr. Macedo, esteve nesta vila, com letamente restabelecido da grave doença de que foi acometido o nosso amigo, sr. Manoel Gonçalves Samora, de Pombal. As nossas felicitações.

Raia seca nova de primeira qualidade
Vende—Carlos Liborio—Figueiró dos Vinhos.

O TRISTE...

e tu entendes o meu mal sem nome, a febre do Ideal, que me consome, tu só, Genio da noite, é mais ninguém!

E' noitel

Ha ja muito que este hemisferio da terra se mergulharu na sombra do outro.

A noite ainda que serena é escura.

A lua, na sua fase, nova, essa casta e querida amante dos poetas e demais namorados, tambem tem os seus impetos de pudor de virgem recatada, essa Diana tão cantada: não espalha sobre a terra, agora, essa saudação de luz e de beijos, e ella saudosa está triste e silenciosa.

A noite vai adeantada!..

A terra está escura e a abobada de ouro polvilhada!..

Alem diviso na obscuridade, alguém, que, emoldurado nos caixilos de uma alta e larga janela, de par em par aberta e sobranceada por uma bem lavrada cornija, parece uma estatua em bronze talhada.

—E frouxamente dentro da janela, alumia um candieiro ou vela.

Esse alguem irto e insondavel na sua nudez, tem baixados os olhos sobre a terra, onde parece que, no meio de uma miriade do pirilampos, algum deles ha, que mais viva luz emana.

E ele lá está imovel, direito, de pupilas faiscantes, como se quizesse, àquella luz longiqua, outra mais viva mandar ainda.

Assim, por tempos, permanecen.

De repente os musculos distenderam-se-lhe e examina se ficaram!..

E pelo seu rosto, um sorriso que rescendia uma amargura infinda perpassou, tornou a perpassar e pareceu quedar se. . e um profundo suspiro lhe saiu do peito. . .

O seu olhar era mortico agora, em vez de penetrante.

Ha pouco pareciam que dos seus olhos emavam mil promessas de amor, agora... ho! agora, a dôr imensa, dôr sem nome, soffreda pela esperança duma alma candida, pura e desgraçada!..

INCOGNITO

(Continua)

Moinho para tirar agua
Vende-se em boas condições.—Dirigir a feronimo Rodrigues Pinkão, Figueiró dos Vinhos.